

OFICINA [IN]SISTIR #1 Refluxo: palavras

Cinira d'Alva

Arquiteta urbanista, mestranda PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano

Sarah Nascimento dos Reis

Pedagoga, antropóloga e mestranda PPG Antropologia/UFBA

A sequência de mapas na página seguinte, apresentados quadro a quadro na tela de um computador improvisando cinema, foi tentativa de narrar espacial e temporalmente a experiência de insistência em frente ao empreendimento imobiliário Costa España na orla de Ondina, Salvador. Aqui, esta narrativa da narrativa se desenvolve a partir de um resto, entalo na garganta: refluxo.

O que lhe diz o mapa acima? Lhe constrange o espaço entre muro e morro, avenida e calçada? A cidade-via? Cidade-percurso? Sente no corpo a submissão dos corpos encapsulados nas faixas? A violência da lei instaurada? Caminhe onde caminha-se, habite onde habita-se, trafegue onde trafega-se. Cuidado. Não se habita onde se caminha nem caminha-se onde trafega-se. Atenção às bordas! Bum!! Colisão no meio fio. Olha a transversal!



Vê a confusão? As pessoas atravessam as faixas para ver o acidente. Os operários ansiosos: a culpa foi da areia na calçada? Pedestres descem o morro. Dona Cássia traz água para o motorista que bateu a cabeça no para-brisas: *“que perigo moço, ultrapassar um ônibus!”*. Vê dona Cássia? No “mapa 5h”, um quadradinho azul? Essa é sua barraca. Ali no portão de entrada e saída da obra, intervalo, onde o porteiro Fernando, quadradinho vermelho, agita a bandeira amarela, interrompe o trânsito, reduz a velocidade e recebe palavrões cotidianos de quem quer o ritmo natural da via: rápido. Talvez perceba o recorte na linearidade das faixas? A diferença que inevitavelmente, contingentemente o portão oferece: lentidão. Entrada e saída. Esbarro. Encontro? Eis que dona Cássia percebe a oportunidade: É aqui! Instala sua barraca de lanches perto dos estômagos famintos dos operários e continua oferecendo aos atletas de *cooper* sua água e Gatorade, agora com a vantagem do espaço alargado que o portão oferece: o “Largo Costa Brava”, onde as faixas colidem. Operários, atletas, senhores e senhoras da Barra e Ondina, passantes e até funcionários de alto escalão, param. Também os lixeiros que coletam o lixo em frente à barraca, também motoristas acidentados. Mudam de direção, esbarram uns nos outros e saem rasurados. Percebe? A alegria de testemunhar a delicada transgressão que dona Cássia opera? Agenciadora miúda de encontros e falas cotidianos? Narradora, ela sim, da cidade que inventa? O que vê então na sequência de mapas? Um Miró? De que serve a abstração se o vivido escapa? Agenciar o vivido, a linguagem e o tempo que nos é oferecido para a preciosa escuta do que precisa escapar de nossos encontros é uma arte? A arte de narrar?

QUANDO A NARRATIVA EMPACA...

Escolhemos a frente do Empreendimento Costa España, no bairro de Ondina para realizarmos a nossa Insistência Urbana, durante duas manhãs estivemos entre operários, transeuntes, vendedoras ambulantes, corredores e carros. Assistimos a transformação que alguns usuários provocam no ambiente da rua, naquela faixa da cidade. Destaque para Tia Cássia, a vendedora de lanches, e Fernando, o porteiro da obra.

Entre as incertezas e as dúvidas do que era esperado de nós e as possibilidades que tínhamos de, primeiro relatar os fatos vivenciados e as impressões causadas e depois, narrar esta vivência de forma que comunicasse algo sobre o lugar além da nossa presença ali, escolhemos talvez o mecanismo mais perigoso, quando se tem pouco tempo para prepará-lo, para transmitir esta transformação do ambiente por alguns personagens: a abstração do mapa, a imagem sem legendas.

Queríamos falar da beleza da presença efêmera destes personagens, de como aquele pequeno espaço da cidade se tornava inóspito na sua ausência e das expectativas daquele lugar quando eles não tiverem mais razão de estar ali. Escolhemos a tarefa mais difícil, a de narrar sem palavras, a de esperar que símbolos e representações comunicassem sozinhos as nossas impressões, a nossa vivência. Depois de um grande esforço em produzir uma série de imagens no AutoCAD em um curtíssimo lapso de tempo, percebemos que a nossa narrativa não alcançou os ouvintes, que a beleza do que apresentamos no nosso relato não estava na nossa narrativa, que tínhamos perdido os nossos personagens, que tínhamos nos perdido...

Talvez dois meses ainda não sejam suficientes para a avaliação da Oficina como um todo, como uma primeira experiência ainda pode haver espaço para novos arranjos e novos testes. Porém, o fato é que, entre as lições que tiramos desta nossa narrativa empacada é que o instrumento, a técnica, a ferramenta de narrativa tem força e ela nem sempre vai estar a nosso favor. Aprendemos que a liberdade de narrar tem um custo e esse custo pode ser alto quando se delega à ferramenta o trabalho que é do autor. A ferramenta tem de estar adequada aos objetivos do narrador, sob pena de perder os elementos significantes do texto narrativo e ficar com uma história entalada na garganta. O vivido não cabe na abstração do mapa. O vivido deseja mais. ■